



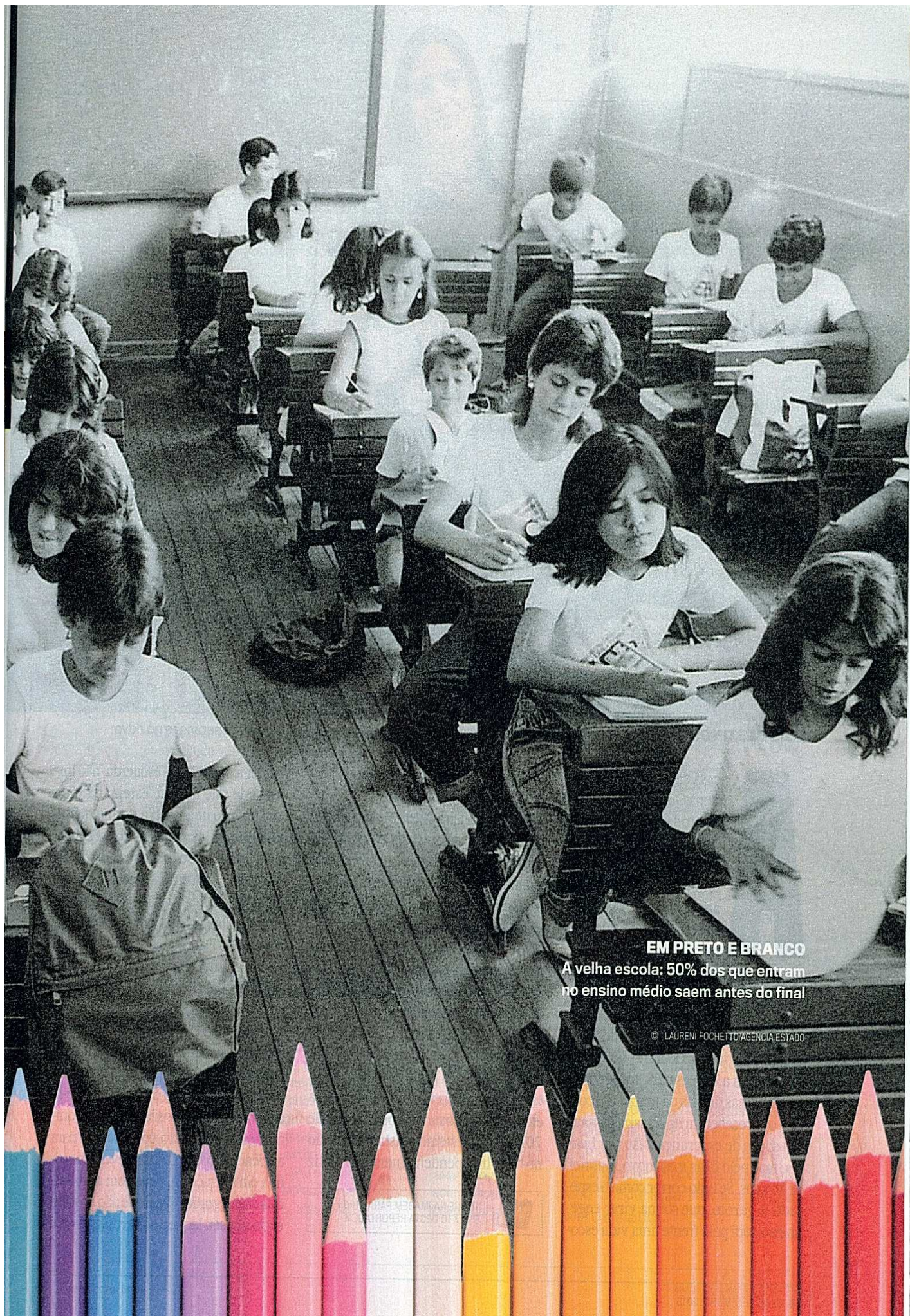
# A NOVA COR DO ENSINO MÉDIO

O governo anunciou uma reviravolta no falido modelo que vigora no Brasil. Bem aproveitada, pode ser uma chance de tornar a escola mais flexível, atraente e capaz de preparar os jovens para o concorrido jogo global

CECÍLIA RITTO E MONICA WEINBERG







**EM PRETO E BRANCO**  
A velha escola: 50% dos que entram  
no ensino médio saem antes do final

© LAURENI FOCHETTO/AGENCIA ESTADO





**DOIS DESTINOS** Os irmãos Letícia e Gabriel: ela vive as angústias do atual sistema; ele tem esperanças no novo

**A** casa da família Neves, na Zona Oeste carioca, é como todas as outras em que um dos filhos convive com os percalços do ensino médio. Aos 17 anos e às vésperas de realizar a prova do Enem, o principal passaporte para o ingresso na universidade, Letícia se equilibra na angústia. Quer fazer medicina, uma dureza para entrar mesmo estando matriculada em um dos melhores colégios particulares do Rio de Janeiro, o A a Z. Seus pais, advogados e testemunhas diárias da maratona, contam que receberam na semana passada um sopro de esperança. Não por Letícia, mas pelo filho mais novo, Gabriel, de 14 anos. Se tudo correr como o esperado, o garoto, que sonha virar engenheiro, terá pela frente uma vida esco-

lar bem diferente e, quem sabe, mais adequada aos novos tempos.

Na quinta-feira 22, o governo lançou uma medida provisória em Brasília com uma notícia que teve o efeito de um tsunami sobre pais, estudantes, professores e círculos especializados: o velho ensino médio será posto do avesso (*entenda as principais mudanças no quadro da página ao lado*). Instantaneamente, o assunto suplantou qualquer outro nas redes sociais e gerou dúvidas e mais dúvidas. A mais básica é se a proposta do governo deve ou não ser celebrada. Se as promessas que a MP embute se concretizarem, sim, haverá extraordinários avanços a partir de 2018. Mas prestemos bastante atenção no “se”. Independentemente do matiz

ideológico, direita ou esquerda, não importa de que lado se esteja, há uma constatação unânime: o ensino médio brasileiro, público e particular, é engasgado, ineficiente e desconectado do século XXI. É profundamente ineficaz. “É um dos piores do planeta”, diz o economista Claudio de Moura Castro, articulista de VEJA.

Uma soma de erros explica o fiasco que enrubesce o Brasil a cada ranking. Um dos mais gritantes é a inflexibilidade do modelo em vigor, um ponto central que o governo ataca. Quem abriga um adolescente em casa com gosto pelas artes acompanha o martírio de vê-lo desbravar a fundo os labirintos da química orgânica. Outro, com vocação para as ciências, como Letícia Neves, que sonha em ser médica, pena com as minúcias da geografia. Não é que não possam expandir seu leque de interesses. Isso é



TOQUE NA IMAGEM PARA OUVIR  
O TEXTO DESTA REPORTAGEM



## REFORMA NA ESCOLA

Quem estiver no ensino médio em 2018 deverá encontrar uma sala de aula completamente diferente da atual



### MODELO

#### COMO É

Todo mundo aprende o mesmo conteúdo ao longo de três anos

#### COMO SERÁ

Em metade do tempo, o conteúdo continuará igual para todos; na outra metade, os alunos escolherão as disciplinas que desejam cursar, dentro das principais áreas do conhecimento

#### COMENTÁRIO

Quem tem pendor para humanas não vai mais precisar afundar-se nos estudos de física ou química. A opção de trilhas na escola, como ocorre em países de boa educação, é um primeiro passo para torná-la atraente

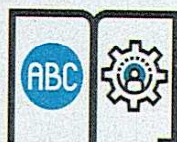


### MATÉRIAS

Há treze disciplinas obrigatórias: português, matemática, química, física, biologia, artes, educação física, história, geografia, filosofia, sociologia, espanhol e inglês

O currículo obrigatório, ainda por definir, ficará bem mais enxuto, à exceção de português e matemática. Algumas disciplinas devem ser subtraídas da grade fixa

O Brasil é um exemplo clássico de como o excesso de conteúdo leva ao baixo aprendizado. Todos os países que disputam o topo do ensino estão podando seu currículo para ater-se ao essencial



### ENSINO TÉCNICO

Quem opta pelo ensino técnico precisa finalizar os três anos do ciclo médio

O ensino técnico poderá substituir disciplinas do médio naquela metade do tempo reservada à livre escolha do estudante

Muitos jovens desistem da carreira técnica porque não têm tempo nem interesse de completar o ciclo médio. Ao torná-lo mais acessível, abre-se uma porta que já alavancou a economia de muitos países

inclusive desejável. O problema é o extremo que o atual modelo impõe: a obrigatoriedade de aprender quase tudo sobre quase tudo, à revelia de interesses, aptidões e projetos pessoais. Um afiado olhar de fora já percebia a distorção nos anos 1950. Em viagem ao Brasil, o americano Richard Feynman, prêmio Nobel de Física, desconstruiu o que na superfície parecia interessante. Observou que nunca vira “um currículo tão extenso e jovens que sabiam tão pouco”.

É esse abacaxi que o novo pacote pretende descascar ao pôr de pé um sistema que deu certo em países como Austrália e Inglaterra. O aluno continuará a percorrer uma grade fixa de disciplinas, igual para todo mundo, mas ela agora ocupará a metade do tempo na escola. A outra metade será preenchida pelo estudante segundo suas predileções. A esta altura, muita gente pode estar se indagando se o novo desenho não levará à repetição da antiga divisão entre científico e clássico, do tempo de nossos pais e avós. Não. A nova fórmula rompe com a ideia de separações estanques e permite traçar roteiros tão diversos na escola que dá até para cursar matérias por semestre, como acontece na universidade.

Como uma única escola abrirá a um mundaréu de alunos caminhos tão distintos? No caso das redes públicas, caberá às secretarias estaduais definir quais opções cada colégio oferecerá, a depender dos pendores locais. A escolha, evidentemente, será limitada. Por exemplo: uma escola pode oferecer, além da grade fixa, aulas de mecânica e programação de sistemas, enquanto outra pode disponibilizar história da arte e teatro — mas nenhuma oferecerá tudo. “Precisaremos de um rearranjo do sistema”, diz Maria Helena Guimarães, secretária executiva do Ministério da Educação. Não será simples nem automático.



## POR QUE O ENSINO MÉDIO PRECISA MUDAR

Os números do desastre na escola brasileira mostram que não há outra opção

# 50%

dos alunos que ingressam no ciclo médio não completam os estudos

→ Em países como Coreia do Sul e Finlândia a evasão beira zero

# 1,7 milhão

de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da sala de aula

→ Isso representa 16% da população nessa faixa etária

# 3,7 bilhões

de reais é o custo do abandono da sala de aula

→ A cifra equivale ao orçamento total da merenda escolar

# 0,8%

dos estudantes de 15 anos tem alto desempenho em matemática

→ Na província chinesa de Xangai, campeã no ranking mundial, 55% fazem parte desse grupo

# 90%

das nações se saem melhor que o Brasil nessa disciplina

→ O país perde para o Cazaquistão e a Albânia

Fontes: MEC/Inep e OCDE



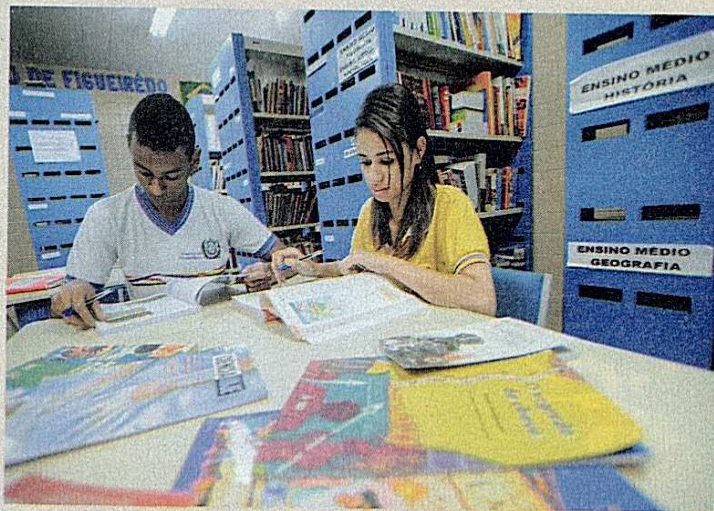
**FRUSTRAÇÃO** Beatriz Baldini, 17 anos, aprovou as mudanças que não vai ver

No universo das escolas particulares, que também terão de seguir a reforma, as melhores já vinham se flexibilizando, mas mesmo assim terão de se mexer. “Há vários aspectos ainda nebulosos na medida”, diz Catharina Prates, diretora do Colégio A a Z, onde estuda Letícia Neves, que abre esta reportagem. A Escola Móbile, de São Paulo, oferta desde 2013 disciplinas eletivas como robótica, criação literária e software. O esforço financeiro para sacudir a grade privada sinaliza o que as públicas terão pela frente. “Recrutamos muita gente especializada do mercado”, diz o diretor Wilton Ormundo. Ah, e ainda falta falar de Enem, tema que, sim, já está deixando as escolas particulares de cabelo em pé. Em-

bora o Enem não tenha entrado no pacote, ele vai mudar para acompanhar o novo ensino médio.

Motivo de grande alvoroço nas redes foram as dúvidas em relação ao que sairá do currículo obrigatório, que atualmente contém treze disciplinas. Especulou-se de tudo, e se trata de mera especulação mesmo. Sociologia e filosofia seriam as primeiras a desaparecer. Artes e educação física, idem. Elas podem acabar sendo limadas, mas ninguém bateu o martelo sobre uma coisa ou outra. O que está decidido é que matemática, português e inglês ficarão no currículo obrigatório. Nos bastidores, diz-se que o número de matérias cairá até a metade, porém ninguém verbaliza essa alteração. O assunto mexe no vespeiro





**CONTINUIDADE** O modelo pernambucano sobreviveu a três governos

## A ESPERANÇA MORA EM PERNAMBUCO

Mais abrangente termômetro da educação brasileira, o recém-divulgado Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb) exibiu o velho filme do fracasso escolar em todos os níveis. O ensino médio conseguiu um vergonhoso lugar de honra no rol de notas baixas. Apenas dois estados, Amazonas e Pernambuco, cumpriram as metas de avanço estabelecidas pelo Ministério da Educação. Pernambuco levou vantagem: além de evoluir, cravou a melhor média do país, ao lado de São Paulo (3,9 em uma escala de 10). Ainda há muito chão pela frente, claro, mas o exemplo pernambucano pode servir de farol para outros estados que não saem do lugar.

A primeira iniciativa que mudou o curso dos colégios pernambucanos de nível médio foi a implantação gradativa do turno integral, a partir de 2004. Hoje, 50% das escolas funcionam das 7 da manhã às 5 e meia da tarde, uma jornada de nove horas com intervalo para almoço. Poderia ter si-

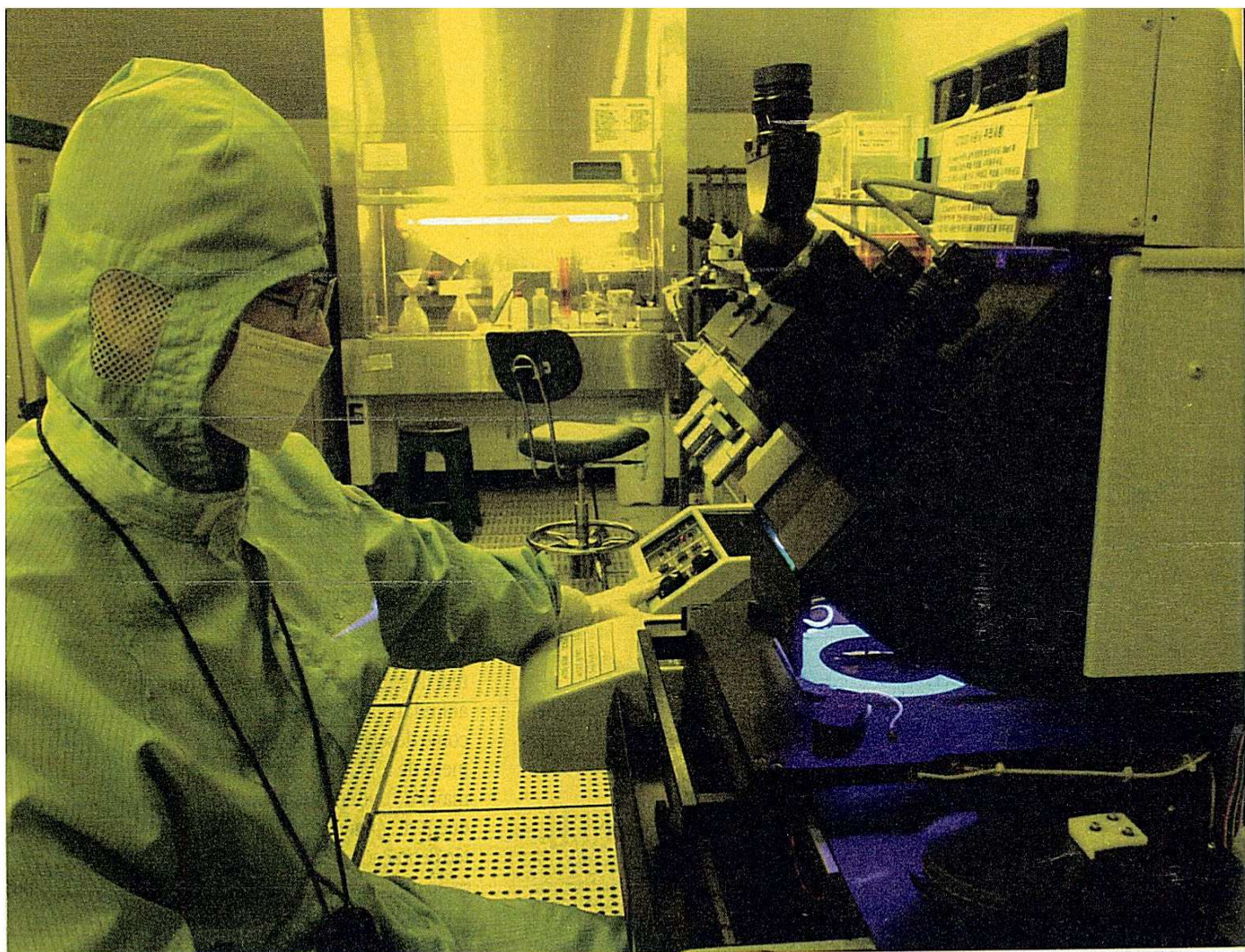
do mais um investimento público vistoso sem resultado não fosse um plano coerente sobre o que fazer durante todo esse tempo. Abriu-se aí uma fresta para algo que revolucionou as escolas do estado: cada aluno passou a encabeçar um projeto próprio, combinando várias áreas do conhecimento e disciplinas eletivas. Não se extinguiram metas claras de aprendizado nem o papel fundamental do professor. “As escolas ficaram muito mais conectadas com os alunos”, avalia Marcos Magalhães, presidente do Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação e coordenador do programa. Um dos méritos da empreitada foi ter sobrevivido a três governadores e a nove secretários de Educação. Funcionou. Enquanto metade dos jovens brasileiros abandona as classes de ensino médio, em Pernambuco, nas escolas de turno integral, menos de 1% sai sem o diploma. Nesse indicador, o patamar está próximo ao da Finlândia e da Coreia do Sul.

corporativista, já que subtrair disciplinas pode levar ao fim de empregos. Além disso, há um longo rito no caminho da aprovação do currículo obrigatório, chamado de Base Nacional Curricular, que deve ocorrer, no caso do ensino médio, no primeiro semestre de 2017.

A ideia de um currículo mais enxuto vai na direção seguida por outros países, mas precisa ser executada de forma criteriosa, sem deixar manca nenhuma área do conhecimento (preocupação geral e legítima diante das indefinições). Para reduzir disciplinas, o Brasil terá de se despir de amarras culturais: a abundância de conteúdo é ainda vista como desejável. Em matemática, o número de tópicos chega a ser dez vezes maior do que em Singapura (e adivinhe quem se sai melhor). Vários países estão debruçados sobre a missão de eliminar o dispensável e manter o essencial. A questão é saber o que é essencial. O Japão cortou sem dó nem piedade — reduziu 30% da grade fixa. Os grandes educadores concordam que não tem mais propósito fazer o aluno acumular cultura enciclopédica numa era em que o conhecimento está na internet a um clique de distância. “O que o jovem de hoje precisa é saber juntar as peças disponíveis e formular ideias”, afirma o físico Andreas Schleicher, diretor da área de educação na OCDE, organização que reúne países desenvolvidos.

Outra mudança que soa menos relevante, mas é vital, diz respeito ao ensino técnico. Uma das trilhas possíveis no período em que o aluno escolhe o que fazer dentro da escola será justamente essa via mais voltada para o mercado de trabalho. Aí reside uma transformação radical: o estudante que se interessa por esse caminho hoje precisa seguir o mesmo roteiro escolar de quem ambiciona a universidade. Um pedágio que desestimula a imensa maioria, tanto que menos de 10% dos jovens brasilei-





**MOTOR** Ensino técnico na Coreia do Sul: a mão de obra que saiu de lá ajudou a transformar o país em um Tigre

ros optam pelo técnico, ante 51% dos alemães, referência na área.

A história é cheia de exemplos de como essa mão de obra que deixa os bancos escolares talhada para desempenhar funções bastante específicas pode funcionar como alavanca do desenvolvimento. No livro *The Most Powerful Idea in The World* (A Ideia Mais Poderosa do Mundo), o americano William Rosen lembra que técnicos de bom nível deram um empurrão decisivo nos avanços tecnológicos durante a Revolução Industrial, no século XVIII. Quando a Coreia do Sul planejou se transformar em nação exportadora, nos anos 1960, pôs-se a construir escolas técnicas para formar rapidamente, do zero, gente produtiva. Virou um Tigre.

É preciso não perder de vista que o ensino médio brasileiro patina sobre deficiências muito básicas. A reforma

não vai resolver sozinha gargalos essenciais. A jornada escolar de quatro horas e meia — e olhe lá — é um freio de mão que a MP prevê atenuar, esticando o turno para sete horas, como nos países mais desenvolvidos. No entanto, sobram ainda os professores mal formados por faculdades que priorizam teoria em detrimento da prática. Eles não têm preparo para lidar com classes em que estudantes tropeçam ao ler textos curtos e ao executar operações matemáticas simples. “Não dá para pensar em revolução sem equacionar o mais elementar”, afirma Priscila Cruz, presidente executiva do movimento Todos pela Educação. Além de tudo, faltam mestres para dar aulas de física, química e matemática.

A reforma, sacramentada com a assinatura do presidente Michel Temer, vem sendo gestada desde o início do go-

verno Lula. Um projeto de lei se arrasta na Câmara dos Deputados desde 2013. Durante todo esse tempo, formou-se um consenso em torno da necessidade da chacoalhada. Os secretários de Educação, que terão à frente a tarefa de executar o plano, pediam a reforma. Saiu por medida provisória, que não é o melhor instrumento para um tema tão relevante. Mas, ainda que uma MP esteja sujeita à apreciação do Congresso, ela já nasce valendo. Assim o ministro da Educação, Mendonça Filho, justificou a canetada: “Não havia brecha na pauta legislativa no curto prazo e o assunto pede urgência”. O mais difícil começa agora. Beatriz Baldini, 17 anos, que está às vésperas do Enem, lamenta e comemora: “Pena não viver essa mudança. Teria aproveitado melhor meu tempo de estudo”. ■

Com reportagem de Maria Clara Vieira